

# **MINHAS IMPRESSÕES SOBRE O ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO**

**Elis Regina Madeira da Porciúncula**

**elisporciuncula@hotmail.com**

**EEEM ALFREDO FERREIRA RODRIGUES**

## **1) CONTEXTO DO RELATO:**

Li sobre a nova proposta de ensino médio politécnico numa página do jornal Zero Hora no início de 2011. Na metade do mesmo ano assisti num programa de TV sobre as mudanças sugeridas pelo MEC para o Ensino Médio. Estes primeiros contatos com a referida mudança somente aguçou minha curiosidade. O que viria de novo? Em que consistiriam tais mudanças? Pois as informações não esclareciam muitas coisas, a não ser a necessidade de os Estados se adequarem a reforma nesta modalidade. Uma reforma voltada para um ensino e metodologia, focadas nas áreas do conhecimento, e considerando as questões do trabalho como centro do processo da mudança. A minha escola está localizada no 3º Distrito do Município de Rio Grande, na localidade do Povo Novo. Está localidade é formada por um núcleo urbano, onde está localizada a Escola e por uma extensa área rural, de onde provém a maior parte dos 550 alunos que esta possui. Assim temos uma clientela diversificada culturalmente, pois possuem raízes fortes na questão agrícola, pesqueira, mas também os que moram na vila têm muito acesso a cultura urbana das cidades de Rio Grande e Pelotas.

Então surge a oportunidade de participar de uma formação sobre a minha caminhada neste processo de mudança do Ensino Médio: O Cirandar. Este vem propor um relato através da escrita, onde exercitei uma análise da minha prática e troca com meus pares, pretendendo-se um avanço no sentido de um crescimento no que diz respeito ao processo de mudança no Ensino Médio.

## **2) DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES:**

Mais ou menos em final de agosto de 2011 participei de uma reunião para Diretores e Coordenadores Pedagógicos promovida pela 18ª CRE onde o assunto central fora a REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO RS. Num primeiro momento, assim como demonstraram os demais presentes, minha reação foi de contestação, pois não via espaço de tempo para formação, aprendizagens ou uma reflexão à respeito, até a data prevista para seu início. Observei nas falas da equipe da Coordenadoria que de pouco adiantariam nossas “argumentações contrárias”, pois a Secretaria Estadual tinha o entendimento de que este era o momento certo dentro do projeto do governo, para a implantação do projeto no nosso Estado.

Como diretora de Escola, tive a oportunidade de alguns encontros únicos, nos quais a idéia começava a enraizar-se e amadurecer, mas na minha percepção avançava pouco quanto a aceitação dos professores do Ensino Médio no geral, para um começo em 2012. Pois segundo minhas observações e conversas informais e reuniões com os professores abordando o assunto percebia-se rejeição por parte destes. As alegações mais fortes era a falta de tempo para apropriação do projeto e a precariedade do espaço físico e de pessoal que se encontram as escolas públicas estaduais. Penso que só aceitei a idéia de forma mais concreta e possível após Seminário Regional em Porto Alegre, promovido pela SEDUC, destinado aos diretores e coordenadores pedagógicos das Coordenadorias Regionais. Neste ouvi doutores em educação que, desde meu curso universitário são referências para minha prática. O Professor Cattani, da Universidade Federal do RS, que

abordou questões reais sobre o trabalho: o trabalho como base da sociedade, o trabalho se contrapondo ao capital, as dimensões do trabalho, a necessidade de valorização do trabalho, o trabalho e a autonomia, o trabalho como fonte de prazer e criação. Enfim uma idéia de a partir da Escola tratar o trabalho não como fonte de sofrimento ou algo alienante, mas como fator de libertação. Neste mesmo Seminário o Professor Gaudêncio Frigotto explanou sobre a questão, relacionando trabalho e educação. Também contrapondo politécnica e tecnológico e concluiu dizendo que: “para que se possa produzir a vida, se engajar no trabalho, é melhor que este não seja alienado”.

Ainda devo acrescentar os encontros com a professora Maria do Carmo Gautério, promovidos pela 18ª CRE, grupo de diretores das escolas de ensino médio e formação na nossa própria escola. Com muita propriedade explanou sobre a teoria de Karl Marx, sobre o que é politécnica, e o processo do trabalho na sociedade capitalista. Também de maneira tranqüila fez sugestões e propiciou diálogos com o propósito de alicerçar as escolas nas suas questões práticas de adaptação a uma mudança significativa nas bases curriculares.

Enfim, outras discussões no ambiente da escola em momentos de formação que antecederam o início deste ano letivo amadureceram um pouco a idéia, embora como trata-se da construção em cada espaço escolar, sinto-me ainda num processo de aprendizagem.

Como gestora, deparei-me com a problemática inicial sobre quem iria iniciar o processo com as turmas da nossa escola. O primeiro problema de ordem prática foi a dificuldade em por na sala de aula, um dos professores que se propunha. Solucionado este, surge outro que é a saída de outro professor que havia abraçado a causa, embora com dificuldades, na compreensão de trabalhar com projetos interdisciplinares.

Agora, como além de gestora da minha escola sou professora no Ensino Médio do noturno, propus à Coordenadoria que eu substituisse o colega na disciplina de Seminário Integrado nos primeiros anos. Então participo destes encontros como uma professora que vem enfrentar com outros este desafio que é o de dar forma a um projeto que não propõe uma sequência de passos na sua implantação. E então, devo deixar fluir as boas ideias e provocar outras as quais permeiam a troca entre professor-aluno no processo ensino-aprendizagem.

### **3) ANÁLISE DA DISCUSSÃO:**

Como diretora da escola, sinto uma imensa responsabilidade quanto a implantação do projeto de Ensino Médio Politécnico, pelo desejo de que seus objetivos sejam atingidos, pois destaca-se aí a diminuição da repetência e da evasão escolar nesta modalidade; fatores que ao meu ver contribuem para uma formação precária dos nossos jovens na faixa etária dos 14 aos 17 anos. Embora vivenciando diariamente muitas angústias, pois na minha escola existiram problemas práticos de falta de recursos humanos para os Seminários (novas disciplinas), que são a base de ligação com as demais disciplinas desta modalidade na busca de uma metodologia interdisciplinar. E como professora que está se inserindo no novo contexto o momento é de descoberta e compromisso em fazer o melhor, pois, trata-se da construção de algo novo, e principalmente porque esse novo é uma aposta na melhoria da aprendizagem de uma grande parcela de educandos da escola pública.

### **4) CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Destaco aqui a relevância do projeto de formação organizado pela FURG/18ª CRE, já que o mesmo propõe reflexões à partir das práticas realizadas pelos professores seminaristas e suas metodologias, proporciona a troca de experiências entre as realidades diversas, assim enriquecendo nossa aprendizagem enquanto professores, desafiados que fomos nesta construção da escrita, estou com boas expectativas em relação a formação e a proposta de mudança na modalidade do ensino médio.

## **5) REFERÊNCIAS:**

Professora: Elis Regina M. da Porciúncula  
EEEM Alfredo Ferreira Rodrigues – Povo novo